

# EUROAMERICANO

VIII CAMPUS DE COOPERACIÓN CULTURAL

## Cuenca, cidade das Ciências, do Conhecimento e dos Saberes

Paul Granda López  
Diego Carrasco Espinoza  
Marcelo Abril Bustamante

A memória cultural dos povos resguarda cuidadosamente os processos que a constroem, tem orgulho daqueles momentos sublimes que emergem a partir do impulso de seus criadores e culminam, em muitos casos, sem individualizar seus gestores e atores, consignando anonimamente seus nomes na história em direção ao destino que por direito lhes corresponde.

A atividade na cultura não é uma expressão institucional, mas uma responsabilidade com a diversidade de ações desenvolvidas pelo ser humano, que nos recriam e identificam nas diferentes manifestações que nos tornam especiais e únicos.

Os matizes que produzem a história pertencem igualmente a todos desde as origens, mesmo quando existem pontos de partida diferentes; o ancestral pesa e reclama, o presente exige, a consciência de ser obriga.

Desde a sua origem, Cuenca tem sido uma cidade visionária, que olha para o futuro com interesse pela preservação da água, do meio ambiente, da convivência entre os seus moradores, com um alto valor humano e de ordem cidadã que ainda é possível apreciar.

Um encontro de cultura nesta cidade de prosperidade, de história, de saberes milenários, de ciência, artes, tradições será o espaço ideal para debater as novas formas de desenvolvimento dos povos e o papel que a cultura tem nesse processo cada vez mais questionado e também necessário, onde os significados e propósitos do fazer cultural sejam amplamente debatidos e fiquem disseminados na memória coletiva para desde aí pensar no futuro.

A categoria de desenvolvimento é inata ao capitalismo e à modernidade. E, mais particularmente: os séculos XIX e XX viram o progresso imparável desta ideia do “desenvolvimento” como um alvo a ser atingido com limites indefiníveis, e que augurava proteger todos aqueles que estivessem dispostos a entrar em sua lógica, num suposto e interminável processo de bem-estar para a humanidade.

As novas tecnologias, o ilimitado desenvolvimento da ciência – que nunca viu nenhuma demarcação ética, de sustentabilidade ou de moral em suas ânsias – a concepção depredadora e extrativista da economia, sem mencionar as objetas condições de exploração de alguns sobre outros promovida pela modernidade: homens sobre homens, nações sobre nações, neocolonialismo; além do insultante desprezo por qualquer outra forma de conhecimento ou saber que não seja aquele que está subsumido na perspectiva cientificista-racionalista, formaram na realidade um paradigma insustentável que além de provocar as piores guerras que a humanidade viveu, também deram origem a crise ecológica mais séria da história humana: um desastre ecológico em termos de natureza e dos próprios ecossistemas sociais, que demonstrou a realidade de um modelo impraticável no planeta e que, indubitavelmente, põe em risco a subsistência e a viabilidade da espécie humana.

Porém, esta modernidade também promoveu, como nunca antes havia ocorrido, o avanço das tecnologias da comunicação, da produção e circulação cultural, simbólica e artística; a igualdade de direitos, as grandes revoluções democráticas que, infelizmente, foram sistematicamente atraídoas convertidas em instrumentos de dominação.

A crise desta modernidade, aguçada após as guerras mundiais nas quais foram assassinadas mais de cem milhões de pessoas (e denunciada primeiro por Heidegger na sua Carta sobre o Humanismo <sup>1)</sup>, havia sido antecipada desde o século XIX pelo marxismo e o existencialismo. Esta hecatombe da modernidade gera aquilo que desde os anos 60 do século XX, começamos a chamar PÓS-MODERNIDADE com todas as suas derivações, incluídas as desorbitadas posições de quem anunciava o fim da história para promover o capitalismo imperialista e globalizado como forma final e mais acabada de desenvolvimento.

Esta pós-modernidade estipulou os limites, e também os âmbitos culturais deste paradigma que, em essência, não variou desde o apogeu da modernidade iniciado em 1789. A própria pós-modernidade pode ser admitida – em muitos dos seus aspectos – como a forma cultural e conceitual assumida pelo neoliberalismo da segunda metade do século XX.

Contudo, depois das guerras mundiais, determinados setores marginais da intelectualidade lúcida, dos cientistas conscientes e líderes espirituais, estruturaram outras formas de pensar que dificilmente podem ser subsumidas nas perspectivas pós-modernas. São ideias que advertem sobre o colapso da espécie e da ecologia, tal como antes enunciáramos; sobre a impossibilidade de manter qualquer esquema econômico produtivo que esteja baseado na extração de recursos e na exploração do homem pelo homem; propostas que mostram a inviabilidade das economias sustentadas pelo consumo e pelas ficções financeiras. Há, inclusive, aqueles que exigem o desaparecimento das formas de Estado erigidas em desnecessárias visões de soberania nacional quando os problemas existentes são de caráter planetário. Formas de soberania que devem estar subordinadas a princípios superiores tais como o respeito à vida, à diversidade, à natureza como objeto e sujeito de direitos, bem como à geração de habitats mais equilibrados e harmônicos para todas as espécies e para o mundo.

Muitos desses pensadores encontraram novos referenciais culturais, diferentes e altamente desenvolvidos, em outras fontes como os povos originários de várias partes do mundo, que oferecem visões e mecanismos distintos aos ocidentais, para se apropriarem da realidade e do ambiente (social ou natural): José María Arguedas defendia que não seremos capazes de pensar o desenvolvimento das nossas nações enquanto não tivermos resolvido a contradição fundamental entre a forma de vida ocidental, baseada em uma relação individualista com o mundo, e aquela defendida pelos nossos povos originários, fundada numa perspectiva comunitária da vida, que inclui a Pachamama, a mãe terra, como parte de tal comunidade.

Vivemos a advertência que está mais próximo o colapso das nações hegemônicas, a emergência de novas economias sob a égide dos mesmos parâmetros de “desenvolvimento” (China, Índia, Brasil, Rússia), que somente complicaram as já difíceis condições da economia e dos mercados globais, e a imparável crise europeia, representada especialmente pela situação da Grécia, Irlanda, Espanha ou Portugal. Todos estes elementos nos enfrentam com uma única realidade: é imprescindível que os paradigmas que versam sobre o verdadeiro desenvolvimento do ser humano devam ser revisados, atualizados e, especialmente, assumidos de forma responsável para dar viabilidade à raça humana sobre o planeta que, no modelo atual, já chegou ao limite da exploração de seus recursos.

Não podemos deixar de lado o impressionante desenvolvimento tecnológico do qual o ser humano dispõe. Desenvolvimento tecnológico que criou novas realidades no âmbito da cultura, da ciência e da arte. Não é em vão que pensadores como Jean Baudrillard assumem que já não assistimos ao “devir” cultural em si mesmo, mas ao simulacro da cultura, que com este desenvolvimento tecnológico estrutura espaços virtuais de vida cultural e social, que não são reais, mas aqueles onde o espetáculo, a simulação e a fascinação pela tecnologia se tornam similares ao papel hegemônico e imperialista, que em épocas passadas tiveram as religiões sobre a vida social, com iguais auréolas de mistério, exclusivismo e segregação perante aqueles que não têm acesso a estes recursos.

Diferentemente de Baudrillard, pensamos que nestas novas tecnologias existem os conceitos de cultura e sociedade. Cada vez mais pensadores, artistas, políticos e processos sociais reais fazem uso dessas tecnologias. A arte contemporânea seria impensável sem considerar os novos suportes tecnológicos onde agora se expressa, da mesma forma que seria impossível pensar fenômenos políticos como o dos “foragidos” no Equador, a Primavera Árabe no norte da África e no Oriente Médio, ou a mais recente onda de “indignados” em Nova York ou na Europa, sem levar em conta o peso das formas de comunicação que atualmente nos oferecem essas tecnologias. Portanto, não estamos somente diante de novas formas de arte e de cultura, mas de novos atores sociais e

políticos que são reais e oriundos dessas próprias inovações técnicas, o que delineia um novo e complexo universo cultural, social, comunicacional e político.

Para alguns, a América Latina escapou “milagrosamente” desta fatalidade dos tempos. Assumindo que aqui as crises tiveram lugar nas décadas anteriores, que construímos a região do planeta que ainda é a mais desigual em relação à distribuição da riqueza, que fomos selvagememente usados por todas as necessidades opressoras e extrativistas das metrópoles hegemônicas; não somente conseguimos evadir as crises, desde a nossa subalternidade, desde a periferia, desde o reconhecimento de nossas feridas e pontos fortes, começamos a andar por caminhos próprios que, a despeito das teorias tradicionais e ortodoxas da economia, estão melhorando consideravelmente os níveis de vida, a riqueza, a conservação dos recursos, o incentivo dos intelectos, como nunca antes havia ocorrido na história. Este é o caso do nosso Equador com o governo da Revolução Cidadã. Também é certo que os nossos modelos na prática ainda apontam a formas de bem-estar similares às do capitalismo que se questiona – tendo em conta, como ressaltam Don Beck e Cris Cowan<sup>2</sup>, que toda nova época tem muito da anterior, como é lógico – ou que ainda não resolvemos como aprofundar a nossa própria visão sem lesionar o que a humanidade já conseguiu em termos de direitos e liberdades. Mas, também do ponto de vista cultural, o mapa do mundo – inclusive nas visões hegemônicas que ainda se sustentam nas metrópoles – requer cada vez mais passar pelo nosso “chão” e por nossas realidades. São os pensadores, os artistas, os criadores e gestores daqui, da América Latina, aqueles que, em mais de um aspecto, marcam os caminhos a seguir.

Tomando como base o já exposto, é imprescindível desenvolver novas ideias, novas formas de relação e de vida e, especialmente, novos paradigmas que abarquem os indivíduos, as organizações de indivíduos e as sociedades no seu conjunto. Temos a certeza que neste caminho de tentar superar os urgentes e angustiosos problemas que enfrentamos, a cultura tem um papel fundamental como portadora de unidades daquilo que é mais excelso do conhecimento humano e do melhor dos princípios e valores dessa humanidade, a favor do mundo e do planeta.

Pensar então na necessidade de uma nova estrutura das relações culturais, perante os novos paradigmas em construção, é parte do “dever” que – e não sem tropeços– nos vamos encaminhando.

A visão de Cuenca, Patrimônio Cultural da Humanidade, cidade das ciências, do conhecimento e dos saberes, exige uma mudança radical no processo cultural da urbe, mas também nos ensina o valor e o esforço de sua gente, é a conjunção de múltiplos esforços, de gestão e trabalho, uma soma de capacidades, muita vontade, dedicação quotidiana e aprendizagem diária.

Tradução do Espanhol - Estudio Sotomayor

As opiniões aqui expressas são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião dos organizadores do VIII Campus, os titulares dos direitos de comunicação, reprodução e distribuição pública. Para uma reprodução do conteúdo, solicitação de autorização a [info@campuseuroamericano.org](mailto:info@campuseuroamericano.org).